

UM OLHAR SOBRE O GÊNERO: O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA VIDA DAS MULHERES

Gilvaneide Filgueira¹

Lidiane Alves da Cunha²

RESUMO

Mesmo diante dos grandes avanços no que diz respeito aos direitos iguais das mulheres, a educação ainda traz aspectos sexistas diferenciados em sua metodologia de ensino. O desenvolvimento de políticas públicas de gênero na educação abre espaços para a construção integrada de novas relações sociais no conjunto da sociedade. Nesse sentido, esse trabalho se propõe examinar se as políticas educacionais desenvolvidas no país têm contribuído para a redução do processo de alienação e exclusão social, em especial das mulheres das classes populares, inseridas num contexto de pobreza e discriminação e, portanto, excluídas como classe e como gênero (LIBÂNIO, 2010). Isso tem direta influência na reprodução de conceitos e formação do indivíduo, na medida em que pode reforçar o discurso sexista discriminatório e excludente ou ser uma ferramenta para uma sociedade justa, igualitária e democrática. Nesse sentido, buscamos compreender como as escolas conseguem exercer uma mudança na formação e socialização do indivíduo. Assim, nosso objetivo é entender como essas práticas educacionais reforçam ou emancipam estruturas sexistas, sobretudo no que diz respeito ao ensino e aprendizagem das mulheres nas escolas e o papel da mesma, principalmente nas classes de baixa renda, que estão mais vulneráveis. Digo isso, tomando como exemplo a minha experiência pessoal de vida venho de uma família de 15 filhos, 9 homens e 6 mulheres, e que todas as minhas irmãs engravidaram antes dos 20 anos, e a maioria sem concluir o ensino médio. E observando todo esse processo penso que a educação que tiveram na escola poderia de alguma forma ter contribuído para um futuro diferente destes. Salientando que, não enxergamos a maternidade e a formação de uma família algo negativo. No entanto, nos preocupamos por acreditarmos que ao implementar uma perspectiva de futuro igualmente a ambos gêneros sem discurso sexista diferenciado e de orientações sexuais, mudaria este quadro irregular, e as mulheres passariam a priorizar a vida profissional e de formação escolar, para só depois de estruturadas para uma vida confortável pensarem em formar uma família, se assim desejarem. Pois, segundo Beauvoir (1980, p.99) “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. O acesso a fundamentações teóricas que trazem esse tema, ao que comprova este desnivelamento e ainda a necessidade de ações

² Aluna do curso de Ciências Sociais e Política - UERN e bolsista do PIBID em Ciências Sociais.

² Professora orientadora: Universidade do Estado do Rio grande do Norte UERN – RN, Doutora em Ciências Sociais.

igualitárias, fortalecendo as nossas indagações sobre esta temática, por considerarmos que a educação é responsável por grande parcela da formação e socialização do indivíduo. Assim,

usaremos a metodologia de histórias de vida e memória oral para colher relatos de mulheres que trabalham na Escola Estadual Dix-Sept Rosado, onde atuo como bolsista do Residência Pedagógica. Constatamos através desses relatos que, assim como afirma Bourdieu “as mulheres dizem que muita coisa melhorou, mas ainda são elas as maiores responsáveis pela casa, pelos filhos, pelo bem-estar do marido, que de um lado, fala-se em transformações, de outro, evidencia-se a manutenção de atitudes conservadoras”, compreenderemos que a primeira temática está atrelada a segunda. Então, para Bourdieu ser 'feminina' é, essencialmente, evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer de uma mulher de poder que ela é 'muito feminina' não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder. (1999, p.118). E Moreno (2002) defende que a escola corrobora esse pensamento direta e indiretamente, esclarecendo o significado de ser menina e ser menino, pois à medida que revela, de forma indireta, as condutas esperadas de uma menina, ensina os meninos a se comportarem como tais. Dando prosseguimento à nossa discussão sobre igualdade e gênero, entendemos e percebemos que as influências sociais nos condicionam a assumir uma divisão de papéis logo ao nascermos e a aceitá-los como verdade. Exemplo destas práticas culturais é que as crianças recebem presentes diferentes: mulheres na sua fase infantil rebem a cor rosa à atribuição ao delicado, brinquedos de utensílios de referencial a limpeza, cozinhar e bonecas para já como orientação dos cuidados; quando para os homens o azul que atribuído, brinquedos que estimulam a criatividade e a agressividade. A mensagem de Moreno (2003) é que os fundamentos científicos que discriminam a mulher devem ser recusados pela escola, que o pensamento sexista pode ser substituído, criticando toda forma de discriminação da mulher, assim a escola não se converta em cúmplice ideológica da ciência, é missão da escola em lugar de ensinar a obedecer, poder ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo ao buscarmos igualdade de gênero. Acreditamos que seguiremos em busca de igualdade de gênero na educação quando compreendermos que a formação intelectual e a formação social dos indivíduos são a principal e dupla função da instituição de ensino, investigando como se dá essa formação, e utilizar mecanismo para romper as estruturas sexista. As normas de conduta são adquiridas por vias subliminares e em etapas de nossa infância de forma frequente, em que não temos desenvolvido nenhum mecanismo de crítica que permita colocá-lo sob suspeita. Ademais, nossa forma de pensar tem influências da sociedade a que pertencemos. Se vivemos em uma sociedade em que a cultura dominante é a patriarcal, tendemos a tomar isso como verdade e a partilhar desses valores e pensamentos. A partir dos apontamentos de pesquisas realizadas com mulheres, podemos observar que os livros didáticos produzem o discurso sexista, com influências excludentes e discriminatórias, em que ainda se reforça mulheres em condições inferiores nos livros utilizados em sala de aula, diante que é enaltecido o sexo masculino. Assim, percebemos parcialidade de várias formas de estruturas sexista na escola. Lima(2000) chama a atenção para o fato de que as políticas educacionais não têm concorrido para modificar as desigualdades de gênero. Esse aspecto é também ressaltado por ao dizer que no espaço escolar a discriminação de gênero se formaliza e se sedimenta com base nas teorias de que os papéis sociais são exercidos diferentemente de acordo como o sexo que se tenha. Em consonância com a percepção de Lima (2000) entendendo que quando os docentes estão comprometidos em apenas reproduzir cultural oferece como modelo, que apenas estão reforçando a construção social de como femininos ou masculinos. E que as instituições educacionais, os docentes em especial, para não se tornar cúmplice e transmissora do discurso sexista deve criticar

toda forma de dicotomia de gênero, pois cumprem funções sociais determinantes. Nessa perspectiva de que a visão sexista ainda é dominante em nossa sociedade e diante das múltiplas exclusões observadas em torno da educação feminina, percebe-se, na pesquisa que através dos depoimentos coletados, é perceptível que a desigualdade de gênero, é mantida pelo fato dos meninos terem mais tempo para os estudos assim aprendem de forma diferenciada, e não porque o menino tenha mais capacidade ou a qualidade que a menina que tem as atividades doméstica além dos estudos, “aprendem com mais facilidade que a mulher, porque fica sem preocupação”.

Palavras-chave: Educação, Igualdade e Gênero.